

# UMA ABORDAGEM SOBRE A FORMAÇÃO PROFISSIONAL: Resgatando a Relação Teoria-Prática\*

**Márcia Nell Gonçalves da Silva\*\***

## A Formação Profissional Enquanto Acesso e Participação Reflexiva dos Indivíduos



**M**m nossa sociedade atual, podemos notar um crescimento nas complexidades do exercício das profissões, exigindo, desta forma, uma formação profissional capacitada para suprir tal necessidade. Decorrente

desto, o indivíduo começa a perceber que a profissão não é somente uma atividade ocupacional, onde ele irá cumprir seus horários, suas obrigações, mas, ao contrário, deve ser encarada como um compromisso social onde o indivíduo e a profissão estão inseridos num contexto político da sociedade em que se encontram, exigindo uma formação técnico-científica especializada para alcançar uma qualificação necessária para o exercício de determinada profissão.

Segundo Marques (1992,p.40), formação significa “*ruptura com o imediato e natural, suspensão das posturas e dos comportamentos de rotina*”, mantendo-se aberto ao outro, procurando ver tudo com olhos sempre novos, tendo, assim, sensibilidade e tato para perceber o que acontece ao seu redor. Segue o autor, dizendo que as formalidades para essa formação se dá de acordo com a especificidade de cada profissão, no sentido político e no direcionamento teórico-prático, que levarão a uma atuação profissional mais concreta.

Neste sentido, compete à educação criar condições necessárias para a obtenção de uma formação intencional vinculada e atenta às especificidades de cada profissão, sem esquecer de todas as dimensões reais da vida humana. Com esse intuito, cabe à educação organizar espaço físico, tempos formais e informais para que esta formação se concretize, através do acesso e participação reflexiva dos indivíduos.

\* Este estudo foi realizado no Colégio de Aplicação da UFSC, em forma de trabalho monográfico, sendo, portanto, parte integrante de um tema maior que foi “A Imagem do Profissional de Educação Física na Comunidade Escolar”, defendida em julho de 1995.

\*\* Licenciada em Educação Física pela UFSC e, atualmente, prof<sup>a</sup> da Rede Municipal de Ensino de Florianópolis-SC.

A construção da profissão há de realizar-se desde o ensino fundamental, para que a reflexão crítica dos indivíduos, assegurada desde a educação infantil até a universidade, venha a acontecer de forma progressiva, através de processos de aprendizagem coletiva, de capacidades comunicativas e habilidades cognitivas, estando assim

*“...relacionados com os processos de questionamento dos saberes feitos, de descoberta, de elaboração e de expressão autônoma do próprio saber construído nos confronto e nos desafios das práticas sociais”* (Marques, 1992, p. 50).

Tendo o indivíduo, tal formação, terá assegurada uma autonomia do pensar e, conseqüentemente, uma presença ativa e consciente nas práticas sociais em que está inserido. Portanto, esse profissional será capaz de orientar-se nos campos de sua atuação, sem precisar de alguém que o guie ou comande.

## **Expressão de Saberes Construídos no Desafio das Experiências Vividas**

Por um lado, é fácil observar que as instituições formais estão completamente divorciadas da concretude do exercício efetivo da profissão, oferecendo aos estudantes situações abstratas que têm deixado os recém formados desvinculados da verdadeira realidade que os espera. Por outro lado, cada profissão possui a sua particularidade, desta forma, muitos educadores que trabalham nestes cursos de formação acreditam que os profissionais recém formados

devem ser primeiramente “*moldados*” pela instituição, para que se adeqüe aos interesses da mesma, pois, os recém formados ainda não têm a compreensão do mercado de trabalho. Não que se tenha que formar para o mercado de trabalho, mas é preciso que haja articulação da formação com a atuação do profissional, que não pode acontecer se não ocorrer o relacionamento, através das discussões, entre as instituições formais, atentas a seu papel, com as organizações profissionais flexíveis, abertas e críticas, para que, através deste relacionamento, formem-se indivíduos conscientes do cotidiano real da profissão, podendo, assim, romper com os fetichismos ideológicos e com o dogmatismo das teorias. Através desta articulação formar-se-á um núcleo orgânico de formação e ação (Marques, 1992). Ao compasso em que as instituições formais vão mantendo estas ligações orgânicas e sistemáticas com as organizações profissionais, os indivíduos, através de uma prática articulada com os profissionais atuantes e educadores, vão dando continuidade de reflexão e de experimentação, capaz de oferecer, em cada estágio, recursos para aprimoramentos dos demais estágios que virão.

A formação do profissional, segundo Marques (1992), deve ir além dos estágios curriculares. É no próprio exercício autônomo da profissão, na experiência da mesma, que se dá a aprendizagem do profissional, de como lidar com o ensino. Ao assumir este exercício autônomo, não significa que o profissional irá interromper seu período de formação, mas sim, o retorna em novas bases, com outros desafios e com uma maior vinculação entre a teoria e a prática.

## Ser Educador: uma Luta Constante contra os Desmandos Autoritários

Marques (1990) explica que a distinção entre os que pensam, decidem e detém o poder sobre a educação, sem por isso se qualificarem como educadores, e os que executam, servilmente, em práticas mecânicas, a função de educadores, faz com que a formação do educador fique relegada a um plano secundário. Portanto, como nos diz Brandão (1991, p. 11) os educadores devem começar a pensar sobre

*"...a condição social do trabalho pedagógico, fazer a denúncia assombrada dos muitos perigos de morte ou perda da identidade do educador".*

Não só pensar, mas travar uma luta aberta

*"...para salvar-se e ao seu trabalho dos desmandos do Estado autoritário, quando ele concentra no poder apenas o poder do interesse do capital".*

A tristeza que sentimos ao percebermos a diminuição de nossa realidade como educadores, de nossa capacidade para agir, o aumento de nossa impotência e a perda de nossa autonomia (se algum dia a tivemos), fizeram com que muitos profissionais da área (educadores) tomassem consciência da realidade em que se encontra a educação e o educador nela inserido (Chauí apud Brandão, 1991). Desta forma, começaram a surgir debates e discussões sobre a formação do educador e sua atuação, buscando, além de outros, a superação do autoritarismo e a melhoria da sociedade brasileira.

Segundo Marques (1992, p. 23-26), em um dos encontros da Comissão Nacional dos Cursos de Formação do Educador, em Belo Horizonte, em novembro de 1983, os professores desenvolveram discussões sobre a *"base comum nacional"*. Esta

*"não deve ser concebida como um currículo mínimo ou um elenco de disciplinas, e sim como uma concepção básica da formação do educador e a definição de um corpo de conhecimento fundamental".*

Continua o autor, explicando que

*"é de fundamental importância que a base comum aponte para uma organização curricular baseada em matriz epistemológica que veja a teoria e a prática pedagógica de forma indissociável e, portanto, presente, e os estágios curriculares também, ao longo de toda a formação profissional".*

Devemos enfatizar a necessidade do professor/educador compreender o processo educacional além da sala de aula, e que isto é indispensável à autonomia da escola, sendo ela responsável e organizadora de seu próprio projeto educativo. Nessa perspectiva, a escola tem a possibilidade de recuperar a fragmentação e o isolamento das disciplinas do currículo e da separação do conteúdo, forma e método. Desta maneira, o educador poderá ter a possibilidade de contribuir, como agente transformador da realidade, no qual a escola está inserida.

Marques (1992) salienta que o educador/professor é um profissional especializado em educação, sendo um educador por inteiro, capaz de conduzir o inteiro processo educativo, do pensar, agir, fazer. Brandão (1991, p. 78) complementa, dizendo que todos nós somos *"professores, trabalhadores do ensino e sujeitos politicamente comprometidos, não apenas com a educação, mas com toda sociedade através da educação"*.

Marques (1992, p. 55) nos faz refletir sobre a arbitrariedade da separação entre professor e educador, quando nos fala, que não podemos ganhar a vida, senão no duplo sentido desta expressão:

*"garantir as condições de sobrevivência não pode separar-se do realizar os sentidos e os valores pelo qual se vive, sob pena de o trabalho, a profissão, converter-se em forma de alienação pessoal e social"*.

Portanto, o sentido humano, espiritual, pessoal, emocional e social do trabalho, não pode existir fora das situações concretas e das condições reais do mundo em que vivemos.

## A Educação Física e a Formação Profissional

No decorrer da história da Educação Física, pudemos observar, que a exigência maior para se ingressar numa Escola de Licenciatura em Educação Física, era mostrar habilidades físicas. Os exames vestibulares, segundo Dantas (1987, p. 35)

*"...tinham sua maior dificuldade, via de regra, nas provas prá-*

*ticas, nas quais eram exigidos índices totalmente fora dos padrões de normalidade da população"*.

Sendo a prática do exercício físico tão evidenciada no currículo deste profissional, era de se esperar, que muitos estivessem preocupados na sua execução, não dando atenção aos conteúdos ditos teóricos.

Em conseqüência desta história, detectamos hoje, que a maioria dos Cursos de Licenciatura em Educação Física estão, ainda, preocupados com a execução de exercícios físicos estereotipados - chamado de prática - esquecendo-se do processo de reflexão - chamado de teoria - tão indispensável na formação de um verdadeiro educador. Mocker (1992, p. 49) nos diz que os

*"Cursos de Licenciatura permanecem envolvidos por uma visão reducionista, implementando o desporto e a saúde como justificativas inquestionáveis e unilaterais de seus currículos"*.

Conseqüentemente, teoria e prática apresentam-se desvinculadas ou justapostas, surgindo a dicotomia ação-reflexão. A ação, desta forma, fica vinculada à Educação Física, enquanto a reflexão, às demais disciplinas. Desta forma, não fica difícil perceber o despreparo do então profissional da área frente à sua atuação. Esta questão torna-se evidente na fala de um aluno do Colégio de Aplicação/UFSC entrevistado, acreditando que

*"... o professor de Educação Física tem um preparo teórico me-*

*nor que os outros professores, não precisa ter muito preparo, se aprofundar muito, mas a prática ele tem que saber mesmo, porque ele precisa praticar todos os esportes”.*

Podemos assim dizer, que lhe falta um maior nível de reflexão para que possa tornar-se um verdadeiro educador, consciente, frente a realidade que o espera.

Taffarel (1992), ao analisar os currículos de Educação Física no Brasil, desvendou o processo de formação do profissional de Educação Física como sendo acrítico; a-histórico; a-científico; possuidor de um currículo “desportivizado”, tendo o esporte como estabilizador do sistema; dicotomia entre teoria e prática; desconsideração do contexto de inserção social; ênfase no paradigma da aptidão física, forte influência da área biológica, etc. Deparamonos, então com uma formação equivocada deste profissional, onde terá como produto formado por este modelo, um professor alienado, ou seja, um profissional que não possui compreensão da realidade social em que vive, a mercê dos interesses do Estado e, ainda, influenciado pelos modismos, pelo “marketing” empresarial.

Para atender os interesses da nossa sociedade autoritária, as instituições escolares treinam os indivíduos de maneira a evoluírem, conforme padrão de comportamento tipificado de papéis e profissões que a sociedade e o mercado necessitam. Neste sentido, a função da universidade resume-se na formação de mão-de-obra especializada para atender o mercado de trabalho. Isto se evidencia, segundo Siebert (1994), com a utilização

do esporte enquanto conteúdo hegemônico das aulas de Educação Física, fazendo com que os alunos atinjam a performance de um atleta, rendendo, desta maneira, o suficiente para atender os interesses do Estado e do Mercado.

Como conseqüência disto, Taffarel (1992) diz que muitas propostas de Restruturação de Currículo respondem a interesses imediatistas do mercado de trabalho. Neste sentido, deixa de lado o desenvolvimento de uma formação profissional voltada para uma perspectiva generalista, onde as competências técnicas, científica, pedagógica, ética, moral e política deveriam ser sustentadas, através de uma formação solidamente alicerçada em um conhecimento aprofundado. Segundo a mesma autora (1992, p. 53), as propostas de reformulação curricular dos Cursos de Educação Física de 1977 a 1987 no Brasil, não foram capazes de superar a maioria das teses equivocadas, pois, além de outros fatos,

*“...não ocorreram transformações na forma de administração e avaliação do conhecimento no interior dos cursos, ou seja, não mudou a forma de se tratar o conhecimento, continua um descontentamento que vem sendo constantemente expresso, principalmente por estudantes e por profissionais egressos do Ensino Superior, a respeito da formação acadêmica”.*

Por um lado a avaliação realizada no Curso de Licenciatura em Educação Física da UFSC (Comissão de Avaliação Curricular), demonstrou que há uma redução considerável do ato de conhecer,

pois o mesmo passa a ser visto como uma mera transferência de conteúdos padronizados existentes, necessitando apenas que o discente assimile. Cunha (apud Comissão de Avaliação, 1994, p. 08) explica que esta prática pedagógica "*inculca e impõe um determinado conteúdo a um receptor e o seleciona conforme interesse da cultura dominante*", sendo este conhecida (a cultura dominante) como legítima e autêntica, enquanto a cultura das outras classes é considerada como ilegítima, sem valor.

Por outro lado, estudos realizados também na Universidade Estadual de Maringá (Oliveira, 1989), nos mostram que os currículos estão ultrapassados, decorrentes hoje da verdadeira necessidade da Educação Física. Os mesmos estão, ainda, voltados exclusivamente para o esporte de rendimento/resultado. Em decorrência desta situação, obtém-se uma formação pedagógica deficitária do futuro profissional da área, que apresenta uma falta de reflexão, acriticidade e uma segmentação do conhecimento.

Isto explica a preocupação de um dos professores de Educação Física, entrevistado:

*"Isso tem muito a ver com as escolas de Educação Física que rolam por aí... e rolam ainda por aí. Eu não aprendi nada diferente na minha escola, apenas a bancar o movimento pelo movimento desportivo, através dos processos pedagógicos. Na verdade, desta forma, você não está agindo como professor e a minha postura é de não ser apenas um professor de Educação Física*

*mas, em primeiro lugar, um educador. Para isso tive que estudar muito mais."*

Segundo Mocker (1992, p. 53), temos introjetado dentro dos Cursos de Educação Física do País, uma visão unilateral do esporte enquanto sinônimo de Educação Física, sendo assim, "*a imagem de aulas que é repassada aos futuros profissionais, é totalmente desconectada da realidade e apresenta-se com um caráter de treinamento através da insistente repetição dos gestos desportivos*". Neste sentido, segundo Siebert (1992), o esporte produz as relações que se estabelece numa sociedade autoritária, já que a sua essência é a competição, mediação, rendimento, divisão e fragmentação do trabalho alienado.

Os educadores oriundos desta formação profissional, tornam-se acríticos e não criativos, adotando, no seu cotidiano profissional, uma postura abstrata a demanda do Estado. Brandão (1988, p. 80) nos coloca que este profissional irá repetir no decorrer dos anos tudo aquilo que aprendeu e aquilo que a máquina do sistema deseja que o educador simplesmente faça: "*reproduzir sem pensar, aceitar sem discutir, trabalhar sem questionar e educar sem criar*", tornando-se mais um escravo, um profissional submisso aos mandos dos donos das escolas e do Estado.

Neste sentido, explica Oliveira (1989, p. 233) que a Educação Física está a procura de uma identidade educacional. "*As estruturas dos cursos de Educação Física ainda sofrem com as seqüelas militares de sua origem e com as influências de culturas externas*". O profissional de Educação Física tende a

internalizar e concretizar, em determinada direção, todo um sistema de idéias e valores deturpados, provenientes de sua formação acadêmica, vinculada a esta falta de identidade própria, decorrente de toda história da Educação Física.

Até hoje, a realidade que encontramos nos Cursos de Formação em Educação Física, não mudou muito. Formado, o profissional vai, enquanto professor ou técnico, em busca de mercado. Segundo Medina (1987, p. 34), o mesmo encontrando o seu lugar, *"procura desempenhar fielmente a função técnica que dele se cobra. Procura dar exatamente aquilo que se pede a ele. Este é um traço do perfil generalizado do profissional de Educação Física no Brasil"*.

Na Educação Física, alguns profissionais como, Medina, Bracht, Kunz, Carmo, entre outros, iniciaram discussões sobre a crise da Educação Física, questionando criticamente os valores da área, tentando justificá-la, procurando a sua identidade. No entanto, a maioria dos profissionais continuam acreditando nas verdades que lhes foram passadas no seu Curso de Educação Física. É preciso, que os profissionais desta área de formação, destinguam o educativo do alienante, o fundamental do supérfluo, de seus trabalhos.

Segundo Oliveira (1989, p. 233), *"... enquanto a Educação Física for visualizada e praticada como isolada do processo educacional e como tendo finalidade exclusiva na estruturação e manutenção da forma física, desvinculada dos aspectos sociais e políticos da nossa sociedade, não passará de instrumento a serviço de reprodução da consciência ingênua"*. Neste

sentido estamos dando espaço e motivo para que se escute colocações como esta feita ao coordenador de educação por um aluno do colégio investigado *"...só é preciso um atestado, para não precisar fazer Educação Física"*?

Para que esta situação não continue, segundo um profissional da área entrevistado, *"...a gente tem que resgatar o aluno nos currículos, por exemplo, a questão de se responsabilizar pela própria Educação Física, pelo próprio movimento, pelo seu corpo, assumir seus próprios atos, ... pois é a partir desse se responsabilizar, que tu poderá trabalhar dentro da Educação Física o cidadão enquanto cidadania, e não, só como uma pessoa que assina talão de cheque, que tem uma carteira de identidade"*. Para isso, é necessário que os profissionais da área despertem e, assim, consigam enxergar o que realmente acontece à sua volta, libertando-se dessa alienação que, a todo momento, se apresenta na sociedade. E, o mais incrível, é que não nos damos conta disso.

## Referências Bibliográficas

- BRANDÃO, Carlos R. (org.) *O Educador: Vida e Morte*. 8.ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.
- Comissão de Avaliação. *Avaliação Curricular do Curso de Licenciatura em Educação Física da Universidade Federal de Santa Catarina*. Relatório Final, Florianópolis, 1994.
- DANTAS, Stélio. *Fundamentos Pedagógicos 2*. Educação Física. In: MARINHO, Vítor (org.). Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1987.

- MARQUES, Mário Osório. *Pedagogia: A Ciência do Educador*. Ijuí : Ed. Unijuí, 1990.
- \_\_\_\_\_. *A formação do Profissional da Educação Física*. Ijuí : Ed. Unijuí, 1992.
- MEDINA, João Paulo Subirá. *A Educação Física cuida do corpo...e "mente"*. Campinas : Papirus, 1987.
- MOCKER, Maria Cecília de M. "O Curso de Licenciatura em Educação Física na Universidade Federal de Santa Catarina: suas concepções de ensino e Educação Física". *Kinesis*, (9): 45-56, 1992.
- OLIVEIRA, Amauri Aparecido Bássoli de. "Análise crítica dos currículos das disciplinas do curso de Educação Física da UEM". *Kinesis/UFMS*, 5 (2): 229-257, jul-dez, 1989.
- SIEBERT, Raquel Stela de Sá. *A Escolae o Discurso Pedagógico*. UFSC. Florianópolis, 1994 (mimeo).
- TAFFAREL, Celi Nelza Zulke. "Análise dos Currículos de Educação Física no Brasil - Contribuições ao debate". *Revista da Educação Física/UEM*, 3,(1), 48-56, 1992.

Contudo, nem todos os autores parecem possuir unanimemente um ótimo em relação à ideia de um real avanço para a sociedade a partir da proliferação dos computadores no cotidiano. Schmitt (1993) analisa, em sua obra, a possibilidade de de consequências tais como desamprego em massa e consequente alteração das relações sociais geradas pela informatização da sociedade.

Dentro deste contexto, a informática tomava um lugar de destaque, sendo apontada, por alguns autores, como diretamente responsável pela mudança das relações de classes existentes, fundando a sociedade do conhecimento ou sociedade da informação, como afirma Masuda (1980), onde as informações acerca da sociedade poderiam ser mais facilmente divulgadas e democratizadamente discutidas pela população em

\* Este estudo foi realizado sob o patrocínio da UFSC, em âmbito de trabalho acadêmico. Agradeço ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) pelo apoio financeiro. Este trabalho foi publicado na revista "Revista de Educação Física", dezembro de 1995.

\*\* Licenciada em Educação Física pela UFSC e atualmente prof. da Rede Municipal de Ensino de Florianópolis-SC.